

# MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: PESQUISA E PRÁTICA DE ENSINO, UM DIÁLOGO POSSÍVEL (?)<sup>1</sup>

Silvano Fidelis de Lira – Graduando em História/UEPB – Campus I

[silvanohistoria@hotmail.com](mailto:silvanohistoria@hotmail.com)

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Auricélia Lopes Pereira – Professora do Departamento de História/UEPB – Campus I

[auricelialpereira@yahoo.com.br](mailto:auricelialpereira@yahoo.com.br)

## RESUMO:

Este texto tem como preocupação central trabalhar o tema da memória de velhos no mundo da oralidade. A proposta de articulação entre ensino de história e memória surge a partir das inquietações emergentes do projeto de pesquisa *Memórias nas margens: histórias de velhos*, vinculado ao PIBIC/ Universidade Estadual da Paraíba. Como referencial teórico estabelecermos diálogos com autores que trabalham memória e subjetividade: Barrenechea (2008) que reúne uma coletânea de textos que pretendem trabalhar o tema da memória não como um dado pronto, acabado, mas dotada de subjetividades e intencionalidades. Foucault (1985) para quem a narrativa se constitui enquanto uma estética da existência, permeada de representações pessoais e culturais. Nossa pesquisa procura articular três temáticas, que podemos chamar de geradoras, a tríade: memória, pesquisa e ensino de história. A pesquisa é desenvolvida com idosos da cidade de Campina Grande – PB. Objetivamos colher depoimentos de histórias de vida, com o intuito de pensarmos como essas pessoas constroem e pensam seus percursos alternativos e como imprimem suas subjetividades nas lembranças, para tanto utilizamos como instrumento metodológico da pesquisa as narrativas orais, tendo como objetivo a construção de um corpus documental, com histórias de vida e depoimentos que possam produzir outras ressonâncias no saber-fazer que envolve o ensino de História. Trata-se de, a partir, desse arquivo possibilitar pensar outras narrativas no discurso historiográfico.

Palavras Chave: Memória; Pesquisa; Ensino de História.

- 
1. Este texto faz parte das discussões teórico-metodológicas estabelecidas no Projeto de Pesquisa, *“Narrativas nas margens: memórias de velhos”*, financiando pelo CNPq, através da Pró-Reitoria de Pós Graduação e Pesquisa (PRPGP), da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Auricélia Lopes Pereira, lotada no Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba. Os conceitos e discussões teóricas trabalhados durante o texto fazem parte do projeto de autoria da professora coordenadora.

Falar em memória na atualidade é remete-se a um conceito que desperta inúmeros posicionamentos teóricos e ideológicos. Muito tem se produzido e discutido sobre a memória e suas múltiplas faces. Mas de que memória estamos falando? Da memória social, da memória cultural, da memória histórica, ou simplesmente de memória, ignorando os esfacelamentos a que esta foi submetida?

Um grande número de trabalhos vem sendo desenvolvidos com o objetivo de explorarem os territórios da memória, trabalhos que se desenvolvem, sobretudo dentro do campo das Ciências Humanas e Sociais, a exemplo da História, da Sociologia e da Comunicação Social. Observa-se que a sociedade atual tem vivido um verdadeiro “*Império da Memória*”, como afirma Jacy A. de Seixas (2009. p, 37).

Um dos trabalhos clássicos sobre a memória foi desenvolvida no campo da Sociologia. O trabalho de Maurice Halbwachs nos ajuda a situar a aventura pessoal da memória, a sucessão de eventos individuais na qual resultam mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos. Essa memória passa por teias de relações pessoais entre os grupos sociais, ela se mistura com outras narrativas e tem uma grande dinamicidade. Para Halbwachs a memória e o ato de lembrar estão intimamente associados ao grupo, por esta via a memória passa a ser coletiva, uma imagem construída através daquilo que nos é disposto no presente. Nas análises de Halbwachs, toda memória é coletiva, e qualquer memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Em nossa pesquisa se faz necessário problematizar as memórias, para entendermos o que faz com que determinadas lembranças continuem se perpetuando nas memórias dos velhos e quais as mudanças que lhes foram incorporadas com o tempo, por isso, torna-se importante analisarmos as composições sociológicas de Halbwachs acerca da composição coletiva de memórias, tendo em vista que o velho ao narrar a sua existência faz associações, evoca o outro em sua narrativa, constrói através de suas lembranças uma memória que mais parece uma colcha de retalhos feita artesanalmente, a partir de entrelaçamentos. Mas porque a memória dos velhos faz essas buscas do outro? O sociólogo acredita que a evocação de outras pessoas ou de outros testemunhos na narrativa pode fortalecer e completar, preencher lacunas.

Fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. [...] Tudo se passa como se confrontássemos vários depoimentos. (Halbwachs. 1990. p, 25)

Os estudos empreendidos por Maurice Halbwachs (op. cit.) contribuíram definitivamente para a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Para ele, a memória

aparentemente mais particular remete a um grupo. Halbwachs cria uma sociologia da memória. O indivíduo carrega em si a lembrança, mas está sempre interagindo com a sociedade, seus grupos e instituições. É no contexto dessas relações que construímos as nossas lembranças, na perspectiva construída por ele, a memória não seria um elemento estático e pronto, ela estaria aberta aos encontros, às relações sociais.

A rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. Ela está impregnada das memórias dos que nos cercam, de maneira que, ainda que não estejamos em presença destes, o nosso lembrar e as maneiras como percebemos e vemos o que nos cerca se constituem a partir desse emaranhado de experiências, que percebemos qual uma amálgama, uma unidade que parece ser só nossa.

Essa memória coletiva tem, assim, uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo no campo simbólico, por isso a memória do grupo sempre é evocada para se perceber a identidade do mesmo.

Mas mesmo a memória do grupo, com suas associações e semelhanças, é falha, é inconstante. A memória é uma construção que não segue qualquer linearidade. A memória se modifica e se rearticula conforme posição que ocupo e as relações que estabeleço entre diferentes grupos de que participo. Também está submetida a questões inconscientes, como o afeto, a censura, os esquecimentos, os atos falhos, entre outros.

As memórias individuais alimentam-se da memória coletiva e histórica e incluem elementos mais amplos do que a memória construída pelo indivíduo e seu grupo. Um dos elementos mais importantes, que afirma o caráter social da memória, é a linguagem. A linguagem é elemento articulador entre o mundo da memória e o vivido. As trocas entre os membros de um grupo se fazem por meio de linguagem. Lembrar e narrar se constituem como elementos primordiais da linguagem. Como afirma Ecléa Bosi (1994), a linguagem é o instrumento socializador da memória, pois reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural vivências tão diversas como o sonho, as lembranças e as experiências recentes.

A memória é acionada de acordo com nossa vontade, e traz consigo outras forças que muitas vezes negligenciamos. A memória é uma composição de linhas de forças da subjetividade humana que permanece muitas vezes oculta até que a evoquemos. Ele corta, seleciona. É uma atividade artística. Segundo Ecléa Bosi (1994);

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas,

ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (Bosi. 1994. p. 47)

Nem sempre a memória lembra, muitas vezes há um deslocamento de sua função. Ela está sempre constituindo uma articulação com os esquecimentos, que não se constituem como falhas, mas são atividades, opções de quem recorda. A narrativa memorialística também pode estar a serviço do “*silêncio e do esquecimento*” (Pollak, 1989) constituindo-se em uma forma de negação ou não aceitação de um passado que se pretende esquecer.

A narrativa passa por um exercício poético. O narrador constrói na narrativa uma arte, um “narrar-se” que se articula a uma *arte da existência*, trata-se de pensar a memória enquanto uma *estética da existência*. A memória, além de estar inscrita nas relações da comunidade ou do grupo é também uma arte de si, uma criação de si. Ela se constitui enquanto uma estética da existência, atravessada por linhas de forças que delineiam condutas, gestos, corpo, singularidades. A narrativa enquanto espaço de contar a própria vida é também uma arte, um espaço estético em que o sujeito se molda, cria uma nova imagem de si mesmo e de seu passado. Foucault buscará embasamento na escrita de Nietzsche e em seus estudos sobre a vida dos gregos.

Mas se a memória é uma construção do presente que vai buscar no passado seus instrumentos para o diálogo, ela se estabelece através da linguagem, da fala e nesse sentido não podemos desconsiderar a importância da história Oral nesse processo e de seus desdobramentos. Muito tem se discutido sobre o seu lugar, não pretendemos aqui adentrar ainda mais na questão, tendo em vista que a História Oral não precisa mais ser defendida ou condenada, ela é apenas uma escolha metodológica que faz parte de uma operação historiográfica.

Para compreendermos os principais conceitos e métodos da História Oral, partimos de um texto “História oral: como pensar, como fazer” (HOLANDA E MEIHY. 2007). A partir dele utilizamos a categoria *história oral de vida*, desenvolvida pelos autores. Essa modalidade na pesquisa oral tem como principal objetivo fornecer ao narrador certa liberdade, para que sua narrativa siga seus próprios fluxos. Com ela se pretende uma entrevista sem mediações, onde o narrador segue construindo a narrativa de sua vida, passando por caminhos dirigidos pela subjetividade pessoal. Nesse caso, o narrador constrói a sua autobiografia, uma escrita de sua existência, que no tratamento da entrevista será analisada e visitada pelo pesquisador que extrairá dali pontos pertinentes a sua pesquisa. Uma das vantagens das histórias orais de vida é o fato de que muitas vezes o narrador traz à tona questões ignoradas pelo pesquisador, mas que podem se mostrar como um novo caminho da pesquisa.

Outra modalidade da pesquisa em história oral, desenvolvida pelos pesquisadores é a *história oral temática*, é pré-concebida pelo pesquisador, estabelecendo pontos que norteiam a pesquisa, sendo mais objetiva no que se pretende pesquisar. Esse tipo de entrevista é geralmente operacionalizado a partir de questionários específicos, que se torna uma peça fundamental para a aquisição de detalhes objetivos sobre o tema, direcionando os rumos da pesquisa. A história oral temática tem pontos positivos e negativos, por um lado esta se propõe mais objetiva quanto ao tema, por outro lado ela inibe a fala do depoente, deixando por vezes lacunas nas entrevistas feitas.

Nosso projeto aborda as duas formas de entrevistas orais, tendo em vista que se trata de uma pesquisa ampla, que busca conhecer várias facetas presentes na vida dos idosos. Em determinados casos buscaremos as histórias de vida, as suas experiências, as trajetórias individuais, em outros momentos somos motivados a abordar pontos específicos das lembranças, sobretudo quando quisermos criar um diálogo entre a pesquisa e conhecimento escolar. Em ambos os casos as entrevistas serão gravadas e transcritas para posterior análise.

As pesquisas com oralidade exigem um tratamento diferenciado, não as entendemos como uma verdade absoluta, mas como uma construção subjetiva, uma versão da experiência construída pelas necessidades e intencionalidades do presente. As pesquisas sobre memórias exigem do pesquisador um tratamento especial no manuseio dos documentos, entendendo-se que o olhar do historiador para as fontes não vem pronto, dado e automático, está inscrito numa complexa operação historiográfica.

Afinal, que História é essa que se faz através da fala e se encerra na escrita? Seria a fala uma forma possível da História? Como expressar os gestos articulados em uma entrevista na escrita? São questões como essas que o pesquisador se depara. De acordo com Tedesco (2004);

A fonte oral, por ser viva, é parcial; exige confronto com o outro, diferenças e unidade, diálogo, *entre-vistas*, processo de aprendizado, conversas, enfim, subjetividades, não bem vistas por algumas correntes mais tradicionais do campo da história e de algumas filosofias e metodologias da ciência de base cartesiana e adeptas à ortodoxia. (Tedesco. p, 113) (*grifo do autor*).

Mas como escrever a fala do narrador? A questão que se coloca é: Como colocar em letras as gestualidades, as expressões corporais que acompanham a narrativa? Essa questão implica uma *entrevista*, uma relação de interpretação entre o narrador e o ouvinte. As falas das pessoas idosas, na grande maioria das vezes, são marcadas por silenciamentos, conversas que vão e vêm, mas repletas de interpretações a cerca do acontecido.

A conversa é arte, arte que se propõe a manipular a fala torná-la compreensível. O historiador manipula a fala do narrador ao se propor a interpretar a voz. A pesquisa que busca no

outro a sua fonte se dá a partir de uma conversa. O trabalho com as narrativas orais requer do pesquisador todo um aparato teórico-metodológico que possibilite um trabalho eficaz e produtivo. Todavia é preciso uma série de cuidados.

Entretanto, após discutirmos a problemática da memória e da oralidade é preciso pensar a pesquisa enquanto instrumento importante no saber-fazer da sala de aula. Ensinar é um desafio. Articular ensino e pesquisa é ainda mais desafiador. Para ensinar História, como qualquer disciplina, é preciso que sejam operacionalizados, pelo professor, dois processos fundamentais: um que visa criar efetivamente uma seleção cultural, ou seja, definimos entre os vários saberes disponíveis na sociedade. A operação de seleção cultural culmina com uma seleção de determinados saberes a serem ensinados às novas gerações, processo que escamoteia os personagens ditos “marginais”, como o louco, a prostituta, o velho, ou qualquer “corpo estranho”, para utilizar a metáfora de Guacira L. Louro (2004). Essa seleção implica opções culturais, políticas, éticas, possibilitando, ênfases, destaques, omissões e negações. Trata-se de um processo de seleção que é socialmente e historicamente construído, revelando interesses, projetos identitários e de legitimação de poderes instituídos ou a instituir, suscetível a mudanças e redefinições. Essa seleção se realiza e expressa nas propostas e nas práticas curriculares, processo de constituição do conhecimento escolar para a escola e pela escola. Escolhas que contribuem para o distanciamento que assistimos cotidianamente, onde a escola passa a aparecer como um elemento distinto da sociedade, heterotópico.

A segunda operacionalização feita pelo educador para trabalhar o conteúdo é a chamada didatização ou transposição didática. É o outro processo que possibilita que os saberes selecionados sejam possíveis de ser ensinados, sejam transformados em objetos de ensino através da mediação didática. A articulação dos dois processos, que se faz em função da finalidade educativa que orienta o ensino escolar, possibilita a formação de representações e de valores pelos alunos, bem como a produção de sentidos e atribuição de significados a partir das situações de aprendizagem vivenciadas. Assim, nesse processo, o ensino de história contribui de forma importante para a construção e reconstrução do conhecimento cotidiano, utilizado por todos nós para a vida comum e no qual operamos com a “memória” – construção individual realizada a partir de referências culturais coletivas.

A nossa preocupação central ao escrever esse texto é pensarmos como a pesquisa pode fazer parte do cotidiano da escola. Mas um grande problema que se coloca é de que os professores raramente têm uma formação que possibilite esse diálogo com a pesquisa. Parece existir uma diferenciação entre o professor pesquisador e o professor que se dedica à sala de aula. Um processo que se arrasta desde longos anos. Nesse processo, professores, gestores e

profissionais da educação, de uma maneira geral acabam sendo tomados por uma contradição que muitos de nós não consideramos quando ensinamos, e que atua de forma ativa nos processos de aprendizagem podendo gerar interferências, dificuldades de compreensão, bloqueios, impossibilitando uma cultura de pesquisa em sua sala de aula. Situação essa que pode ser modificada através de mecanismos de integração entre os alunos a sua realidade, os moradores de seu bairro, os seus avós, tios, etc. conhecimento que se dá nas malhas do cotidiano e que chega a sala de aula.

Trata-se de fazer operar com os mecanismos vastos da memória e da história, compreendendo que a memória não está cristalizada nos livros didáticos, ou nas datas comemorativas. Sobre a relação entre história e memória é interessante a fala de Pierre Nora, para quem esses dois lugares dialogam, se alimentam e se contrapõem.

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vívido no eterno o presente; a história, uma representação do passado. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo. (Nora. 1993)

A sala de aula é, potencialmente, um lugar onde memórias se entrecruzam, espaço em que as memórias podem dialogar com o conhecimento, e como não poderia ser diferente entrar em conflito; lugar no qual, também, se busca a afirmação e registro de - ou onde se desenvolvem embates entre - determinadas versões e explicações sobre as sociedades, a política, o mundo, prescritas pela instituição em que se localiza; “lugar de fronteira”, que possibilita o diálogo entre memórias e “história conhecimento escolar”, com o aprofundamento, ampliação, crítica e (re) elaboração para uso no cotidiano.

A pesquisa escolar é um fazer-se, uma prática que se constrói cotidianamente, através da prática e da pesquisa. Pesquisa não se aprende quando nos sentamos nos nossos birôs e cobramos silêncios, comportamento, disciplina. A pesquisa escolar se dá com o corpo em movimento, na busca de personagens, de histórias e de fluxos de memória. Segundo Bittencourt (2009. p, 14)

“O momento atual tem proporcionado a introdução de algumas reflexões sobre a necessidade urgente do ofício do historiador e do professor de história no sentido

de evitar a amnésia da sociedade atual marcada por incertezas e perspectivas indefinidas.”

Pensar uma prática de ensino atrelada a uma pesquisa de campo pode exigir uma maior disposição do professor bem como do aluno; pode demandar tempo, discussão teórica e metodológica. Mas pode fazer da educação um espaço atual de produção de subjetividades mais complexo e mais eficaz em termos de produção e multiplicação de sentidos. Tomemos por princípio que o aluno que pesquisa constrói conhecimento. É ele mesmo autor da pesquisa, deixou de ser um mero espectador dentro de um processo de conhecimento homogeneizante. A pesquisa com a memória de velhos pode proporcionar um conhecimento sobre a família, o bairro em que vive, ou mesmo pode se motivar uma pesquisa dentro da própria escola, entrevistar os antigos professores, auxiliares. Assim, a pesquisa deixa de ser algo distante e torna-se uma coisa comum, não no sentido de ser qualquer coisa, mas comum pela familiaridade que pode ser criada.

A memória dos antigos professores, a história da educação do município, tudo isso mostra que a relação entre pesquisa e o ensino de história pode ser possível e mais ainda, pode ser fecunda. A nossa proposta foi de proporcionar aos leitores uma reflexão em torno de uma prática de ensino não inovadora, mas pouco operacionalizada, a pesquisa.

Acreditamos que podemos pensar espaços outros para além do livro didático, do quadro, ou mesmo dos instrumentos tecnológicos inovadores, mas que reproduzem o mesmo saber-fazer. Pesquisa que proporcione ao estudante um caminho alternativo, fazendo com que ele dialogue com o conhecimento escolar para além da escola e, como um pássaro, encontre onde pousar e no seu pouso possa colher memórias, como fez Ecléa Bosi com seus velhos na cidade de São Paulo. Proporcionar uma pesquisa que dialogue com o ensino e a memória implica em estabelecer laços com aquilo que é a matéria prima do historiador, o tempo. Portanto, a memória com suas dobras, para usar o termo de Barrenechea (2008), é uma possibilidade inovadora e ao mesmo tempo útil.

Os alunos de ensino fundamental e médio podem sair com seus gravadores, seus blocos de papel e criarem uma nova aula de história, onde a memória não seja só lida, mas seja ouvida. Se o professor é aquele que dá o texto a ler (Larrosa, 2010. p, 140) também pode ser aquele que dá o impulso a se buscar memória e estabelecer com ela diálogo (s).

A pesquisa, a que esse trabalho pontuou questões, encontra-se em andamento, partimos da análise bibliográfica e das primeiras observações feitas na escola pública, no entanto já percebemos que a proposta tem um importante papel no ensino de História, desenvolvendo práticas de pesquisa e ensino, condicionando o aluno a ser um produtor de conhecimento, que não sirva só pra ele, mas que faça parte de um referencial para demais alunos, professores e membros da comunidade.



**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BARRENECHEA. Miguel Angel de. **As dobras da memória**. – Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- BITTECOURT. Circe. Capitalismo e cidadania nas atuais propostas curriculares de História. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. – São Paulo: Contexto, 2009. – (Repensando o ensino). (pp,11-27)
- BOSI. Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – 3 ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CERTEAU. Michel. **A invenção do cotidiano1: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FOUCAULT. Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1985.
- GALLO. Silvio. **Repensar a educação: Foucault**. Revista Educação & Realidade. Jan./Jun. 2004. (pp.79/97).
- HALBWACHS. Maurice. **A Memória coletiva**. – São Paulo: Vértice, 1990.
- LARROSA. Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. – 5ª ed. – Belo Horizonte; Autêntica, 2010.
- LOURO. Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria do queer**. – Belo Horizonte; Autêntica. 2004.
- LUCA. Tânia Regina de. e PINSKY. Carla Bassanezi (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. – São Paulo: Contexto, 2009.
- MACHADO. Roberto. **Ciência e saber – a trajetória da arqueologia de Foucault**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- MEIHY. José Carlos Sebe Bom. e HOLANDA. Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. – São Paulo: Contexto, 2007.
- NORA, P. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História, São Paulo: n.10. 1993.

POLLAK. Michel. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989 p. 3-15.

SEIXAS. Jacy Alves de. Percursos de Memórias em Terras de História: problemáticas atuais. In; BRESCIANI. Stella e NAXARA. Márcia. (orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. 2ª ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004. (pp, 37-58).

TEDESCO. João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. – Passo Fundo: UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004.